

EDITORIAL DE MAIO/2020:

CONHECIMENTO CURRICULAR EM TEMPO DE EXCEPCIONALIDADES

É provável que entre as incontáveis perguntas que grupos sociais, instituições e pessoas fazem a si mesmas e ao mundo nesse tempo de excepcionalidades, encontra-se uma que interessa especialmente aos docentes e pesquisadores que militam no campo da educação, qual seja: *Que sentidos são atribuídos socialmente aos conhecimentos curriculares apropriados pelos estudantes em suas trajetórias formativas frente ao atual desafio da pandemia?*

Essa pergunta nos coloca em meio a um conjunto de problemáticas próprias do debate curricular iniciadas desde a constituição desse campo de estudos no início do Século XX e ainda sem qualquer consenso em termos de resposta. Entre tantas outras, destaco questões especialmente relacionadas aos sentidos sociais do conhecimento escolar, tais como seus usos em práticas cotidianas, seus impactos no comportamento social, suas influências na produção da vida individual e coletiva, sua contribuição na solução de problemas e sua implicação em escolhas e decisões pessoais.

Na dinâmica social produzida pelo contexto da atual pandemia, acompanhamos manifestações individuais e coletivas das mais diversas naturezas. De expressões que revelam amplo cuidado com a vida, geralmente carregadas por atitudes de alteridade, solidariedade, engajamento social e respeito às diferenças, até reações violentas que parecem não reconhecer a vida como um bem maior - aquilo que nos constitui como gênero humano.

No movimento dessa desafiadora experiência da espécie humana, revelam-se ainda mais fortemente os tensionamentos sociais decorrentes das correlações de poder, em geral, manifestados nas disputas entre os valores da vida e da produção econômica, entre o material e o espiritual, entre o bem-estar e o consumo, entre o ser e a razão, entre a quietude e a pressa. Em meio aos tantos elementos de mediação que operam nesses jogos de força, o conhecimento e seu consequente uso, certamente ocupam lugar central. É inescapável a mediação desse constructo humano na dinâmica que conforma nossos posicionamentos, nossas escolhas e nossas atitudes no mundo, inclusive nesse momento absolutamente excepcional da história. Não se trata aqui de interpretar a dinâmica da realidade social por óticas binárias, e sim de perceber suas relações, seus nexos e interstícios.

Avalio que a escolarização, nesse âmbito, tem servido como fundamento ainda mais potente para muitas das escolhas que as pessoas fazem na dinâmica de suas vidas cotidianas. Em momentos

desafiantes como os que vivemos, todos se servem, em boa medida, dessa importante base formativa para interpretar eventos, assumir posições políticas, enfrentar desafios, enfim, agir no mundo. Obviamente que a escolarização e os conhecimentos nela produzidos não podem ser tomados como instrumentos de uma ética apenas, tampouco de um único senso de valor moral.

A educação tem significativo potencial para contribuir com as mais distintas finalidades humanas, sempre condicionada, de algum modo, aos sentidos e aos usos que os sujeitos atribuem aos conhecimentos por ela produzidos. É como se numa linha de infinitas possibilidades cada ser humano, com seu repertório de experiências, saberes, crenças e valores, e mobilizado pelas contingências da vida social, fosse fixando sentidos e razões de uso para o conhecimento.

Em certa medida, esse movimento mostra-se presente no atual contexto da pandemia no Brasil. Temos visto frequentemente que pessoas, grupos econômicos e instituições políticas têm se manifestado de modos muito distintos, inclusive com posicionamentos estranhos em relação a histórica luta civilizatória pela construção de uma possível humanidade. Coletivos que, mesmo não tendo demandas imediatas para sua sobrevivência, assumem posições em defesa da produção econômica a qualquer custo, lançando mão inclusive de mecanismos violentos para retomá-la, na contramão das incansáveis lutas de outros grupos pela preservação da saúde e da vida das pessoas.

O cenário social e político no qual vivemos hoje, nos impõe com mais força interrogações sobre o valor do conhecimento, sobre os papéis sociais da escola, sobre o projeto de humanidade que imaginamos estar em construção, sobre uma metanarrativa edificada na modernidade em relação a conceitos como o de ciência, democracia, liberdade, cultura, etc. Até que ponto, excepcionalidades como a da pandemia, constituirão experiências duras o suficiente para pensarmos outros currículos, outra formação, outras racionalidades, enfim, outras alternativas para o grande projeto humano que parece ainda não ter sido possível alcançar.

Em suma, o que faremos com nossas teorias e teses no âmbito do grande debate curricular? Para que servirão nossas bem elaboradas, modernas e inovadoras políticas curriculares? Teremos quais condições subjetivas, sociais e institucionais para reposicionar os projetos de escolarização no pós-pandemia? Será mesmo um *outro normal* ou continuaremos fazendo na escolarização o mesmo que fizemos em tantos outros momentos desafiantes como este?

Prof. Juares da Silva Thiesen
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
Pesquisador OEMESC

OEMESC	Editorial mensal	http://www.udesc.br/ensinomedioemsc	Mai. 2020
--------	------------------	---	-----------